

## **ESCOLA E SEXUALIDADE: DIFERENTES CONCEPÇÕES, MUITOS DESAFIOS**

Eliana Fátima de Almeida Reis  
ECEP - Eixo 8 – Educação Básica

No atual momento histórico, os educadores se deparam com exigências, expectativas e desafios dentro da escola, para os quais se sentem, muitas vezes, despreparados. Os questionamentos dos profissionais das escolas têm sido cada vez mais constantes.

Compreender a complexidade da ação do professor no trabalho de orientação sexual na escola com suas variadas concepções é, desse ponto de vista, compreender que o currículo alinhava-se com questões morais, éticas, estéticas, culturais, políticas e pedagógicas. Acreditamos que quanto mais, nós educadores, conhecermos e compreendermos a sexualidade, maior será a nossa capacidade de interagirmos com nossos alunos e os auxiliarmos nas desafiadoras questões que se apresentam em seu cotidiano.

As mudanças do mundo contemporâneo repercutem profundamente nos costumes e valores da sociedade. Nesse contexto, a escola tem um papel importante na educação sexual de seus alunos, visto que, ocupando o papel de agente formador, deve ultrapassar as questões da informação. Há aqueles que afirmam que a sexualidade é um campo fortemente atravessado por decisões morais e às vezes religiosas, e, a escola deveria se afastar na medida do possível dessas polêmicas e conflitos. Outros consideram impossível tal posição, pois a sexualidade integra os indivíduos e a sociedade.

Num passado bem próximo, não se podia falar em sexo, principalmente na escola. Hoje os jovens têm mais liberdade e não só podem falar mais abertamente sobre sexualidade, como têm acesso às mais variadas fontes de informação, ainda que nem sempre tais informações se transformem em conhecimento. E é aí que a escola pode tornar-se um campo propício à orientação sexual, um lugar onde, além de receber informações, os alunos possam debater, esclarecer dúvidas, refletir sobre seus valores e conflitos.

A sexualidade se faz presente na escola em gestos, olhares, risos, nas conversas pelos corredores, nos grafites dos banheiros, nos silêncios diante de algumas perguntas e em várias outras situações do cotidiano escolar. Segundo Louro (1998, p.95), “a escola dá lições de

sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de educação ou orientação sexual previstas no currículo”.

Sexualidade é um assunto que empolga, mas que também possibilita emergir as limitações repressivas dentro das quais fomos educados. Muitas vezes, enquanto educadores, emitimos uma mensagem em nível de discurso verbal que não coaduna com a mensagem emitida em nível corporal ou gestual.

Enganamo-nos se acreditamos que as mensagens sobre sexualidade podem ser trabalhadas apenas em seu componente cognitivo. Devemos levar em consideração crenças, culturas e expectativas de cada pessoa e da sociedade na qual está inserida. Infelizmente, o despreparo do professor para a educação de indivíduos em seu todo tem dificultado o reconhecimento da sexualidade como conteúdo natural da educação (natural porque inerente à pessoa-professor e à pessoa-aluno).

Arroyo reforça tal afirmação:

O profissional da Educação é importante não apenas pelo que fala, mas como figura social que vem acompanhando nossas vidas durante dez, quinze anos (...) Estão faltando hoje, não apenas pessoas treinadas para verbalizar conteúdos mais críticos, mas também para tratamento do tema educativo, do ritmo, do espaço, do corpo da criança. Na escola o que mais se educa não é a “cabeça” da criança, mas seu corpo, e desconheço que se estude nos cursos de Pedagogia ou nos treinamentos qualquer pedagogia do corpo enquanto totalidade... (1989, p.53).

Como lidar com a educação sexual na escola de forma inclusiva e integrada à vida dos alunos? Como integrar informações e atitudes dentro da escola, que demonstrem o quanto a sexualidade é saudável e prazerosa? Certamente, se a escola demonstrar maior abertura para essas discussões, o jovem aluno se sentirá mais à vontade para falar de sexualidade e menos culpado ao lidar com as questões que a envolvem.

Assim, com o objetivo de compreender as concepções de sexualidade presentes no currículo escolar no que tange à orientação sexual, elegemos como lócus de investigação uma escola da rede municipal de Juiz de Fora, onde buscamos identificar os principais desafios enfrentados por professores e alunos dos anos finais do ensino fundamental nessa área. Para tal, estabelecemos algumas questões orientadoras:

Com tantos avanços na área de tecnologia, de medicina, de psicologia e no meio das transformações sociais por que passamos, que concepções de sexualidade estão presentes no currículo escolar de tal escola? Como os professores lidam com as manifestações de

sexualidade dos adolescentes? Que expectativas têm os jovens em relação à orientação sexual no espaço escolar?

Acreditando que é no cotidiano que a realidade imediata se expressa, em nossa pesquisa, utilizamos como estratégia metodológica a entrevista associada à observação livre. Utilizamos também questionários com questões objetivas e dissertativas para os professores e apenas com questões objetivas para os alunos. Tomamos como sujeitos desta pesquisa dois grupos distintos: um, formado por 15 professores de ambos os sexos que atuam no ensino fundamental, principalmente aqueles que trabalham com os anos finais; outro, formado por alunos do nono ano do ensino fundamental, totalizando 19 alunos, embora nem todos estivessem presentes em todas as entrevistas.

Para que a educação sexual aconteça efetivamente, é necessário que haja clareza em seus objetivos e possibilidade de discussão. A informação é importante, mas ela deve vir acompanhada da oportunidade de questionamentos e debates.

Os desafios para que a educação sexual se efetive na escola estão diretamente relacionados à formação de professores. Esta é uma questão que necessita maior atenção tanto da formação inicial quanto da continuada. Além das questões de adequação de currículo, diferentes abordagens e formação de professores, é preciso ter coragem para tornar a escola local de crítica latente e de permanente resistência, buscando, através da educação sexual sistemática, a superação dos estereótipos e de todas as formas de preconceito. É preciso uma postura digna, corajosa e politicamente engajada na busca de uma cidadania real, sexualmente plena e feliz, segundo nos alerta Furlani (2003)

Palavras-chave: Escola, Sexualidade, Desafios.

## **REFERÊNCIAS**

ARROYO, M.G. A formação, direito dos profissionais da educação escolar. IN: **Política de Capacitação dos profissionais da educação**. Belo Horizonte: FAE, 1989.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana** . Belo Horizonte: Editora Autêntica , 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: Lições da escola. In **Cadernos Educação Básica 4**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997